



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL E ARQUITECTURA

Mestrado Integrado em Arquitectura

Centro de Artes e Espectáculo do Mindelo

(Cabo Verde - São Vicente)

Nérito José Monteiro Lopes, nº19231

**Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre de
Arquitectura**

Dissertação realizada sob orientação do Professor Doutor José Neves Dias do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade da Beira Interior e co-orientação do Arquitecto Jorge Vicente Fonseca Vincenyo Dias.

Covilhã

24 de Outubro de 2011

Dedicatória

Aos meus pais ...

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas e entidades que contribuíram para a elaboração deste trabalho em particular ao professor José Neves Dias, do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade da Beira Interior (UBI-DECA), pelo apoio dispensado, pela orientação desta dissertação assim como disponibilização de informação muito importante para o presente trabalho e pela motivação e rumo para o mesmo.

A todos, que de algum modo, contribuíram para a realização deste trabalho, que me ajudaram e acompanharam durante toda esta jornada, que me apoiaram e incentivaram na conquista de todos os meus objectivos, um profundo agradecimento para a minha família, amigos e colegas que aqui não foram referidos.

Resumo

Cabo Verde, um arquipélago constituído por dez ilhas, possui uma vasta cultura e história que se diferenciam de ilha para ilha, é um país que carece de um conjunto de espaços criativos e culturais onde possa ser revelada toda a riqueza cultural de um povo que tem vindo a evoluir nas últimas décadas, para além das suas magníficas praias e paisagens pelas quais é mundialmente conhecido.

Na tentativa de valorizar devidamente estas características histórico-culturais, pretende-se elaborar um projecto que visa a criação de um espaço de espectáculos, onde diversas actividades culturais e recreativas poderão ser realizadas e experienciadas. Este projecto, a realizar na ilha de São Vicente, na cidade de Mindelo conhecida como capital da cultura de Cabo Verde, tem como objectivo promover o turismo e consequentemente o desenvolvimento socioeconómico da ilha, através da cultura. Esta iniciativa aborda um tema com vastas implicações na divulgação da cultura local como a música, o teatro, a literatura, de forma a divulgar a história e a cultura de um povo em constante crescimento e evolução.

Assim o presente trabalho apresenta-se organizado em duas partes. A Parte I, corresponde a uma contextualização, constituída por sete capítulos de modo enquadrar e complementar a Parte II, que é constituída pelas peças desenhadas da proposta realizada.

O Capítulo 1, Introdução, apresenta-se a relevância do tema, os objectivos e ainda estrutura do mesmo.

O Capítulo 2, Cabo Verde, é apresentado a localização geográfica, o enquadramento histórico, a caracterização e o clima do Arquipélago retratando o caso em específico de cada ilha, dando especial ênfase ao que cada ilha tem de mais importante assim como os seus valores sócio-económicos.

O Capítulo 3, Cultura Cabo-Verdiana, apresentam-se as tradições do povo cabo-verdiano. Um povo que vive muito da música, com muitos artistas reconhecidos mundialmente, a dança com ritmos quentes e alegres, o teatro que é o forte em algumas ilhas nomeadamente a de São Vicente onde se realiza os encontros de teatros nacionais e internacionais, o artesanato pelas suas obras artesanais usando materiais da terra e a gastronomia pelos seus magníficos pratos e também não esquecendo os magníficos ponches e licores de água ardente mais conhecido por grogue.

O Capítulo 4, Sala de Espectáculo, são abordados alguns dos temas fulcrais para o desenvolvimento do caso de estudo, como alguns tipos de palcos de salas de espectáculo assim como a acústica, o som entre outros para assim se optar para a melhor solução.

O Capítulo 5, Proposta de projecto, que consiste na apresentação da evolução do projecto de um edifício de artes e espectáculos, onde é apresentada a idealização e

materialização da intervenção acompanhada de desenhos e esquemas explicativos até a solução final.

O Capítulo 6, Conclusões,

Parte II, é constituída pelos desenhos resultantes da proposta de projecto associada a uma memória descritiva de todo o processo.

Palavras-chave

Arquitectura; sustentabilidade; cultura; música; teatro; espectáculos; Cabo-Verde; São Vicente - Mindelo

Abstract

Cape Verde, an archipelago of ten islands, has a vast culture and history that differ from island to island, is a country that lacks a set of cultural and creative spaces where it can be revealed the cultural richness of a people who have evolved in recent decades, in addition to its stunning beaches and landscapes for which he is known worldwide.

In an attempt to fully appreciate these historical and cultural features, aims to develop a project that aims to create an entertainment space, where many cultural and recreational activities can be performed and experienced. This project, to be held on the island of Sao Vicente in Mindelo known as the cultural capital of Cape Verde, aims to promote tourism and hence the island's socio-economic development through culture. This initiative addresses an issue with broad implications in the promotion of local culture as music, theater, literature, to spread the history and culture of a people in constant growth and evolution.

Thus the present paper is organized into two parts. Part I, corresponds to a background consisting of seven chapters in order to complement the frame and Part II, which consists of the drawings of the proposal made.

Chapter 1, Introduction, presents the relevance of the theme, objectives and has the same structure.

Chapter 2, Cape Verde, is given geographic location, historical background, the characterization and the climate of the Archipelago depicting the specific case of each island, giving special emphasis to what each island has the most important values as well as their socio- economic.

Chapter 3, Cape Verdean Culture, presents the traditions of the Cape Verdean people. A lot of people that live music, with many world renowned artists, dance rhythms with warm and cheerful, the theater that is strong in some islands such as São Vicente where they are holding the meetings of national and international theaters, crafts by their craft works using materials from the earth and for its magnificent cuisine dishes and also not forgetting the magnificent punches and liquors best known for burning water grog.

Chapter 4, a theater, some of the topics covered are central to the development of case study, as some types of venues from concert halls as well as acoustics, sound and more so to be chosen for the best solution.

Chapter 5, Project proposal, which consists in presenting the progress of the project of building a performing arts, where it shows the idealization and materialization of the intervention accompanied by explanatory diagrams and drawings to the final solution.

Chapter 6, Conclusions, Part II consists of the designs resulting from the proposed project associated with a description of the process.

Keywords

Architecture, Sustainability, Culture, Music, Theater, Concerts, Cape Verde, São Vicente - Mindelo

Índice geral

Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	vi
Índice geral	viii
Índice de figuras	ix
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	1
1. INTRODUÇÃO	2
1.1. Relevância da temática	2
1.2. Objectivos	3
1.3. Metodologia	3
CAPÍTULO 2 - CABO VERDE	4
2.1. GEOGRAFIA - LOCALIZAÇÃO	5
2.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	5
2.3. CARACTERIZAÇÃO DO ARQUIPÉLAGO	6
2.3.1. Ilhas-Contextualização Histórica	6
2.3.1.1. Ilha de Santo Antão	7
2.3.1.2. Ilha de São Vicente	8
2.3.1.3. Ilha de Santa Luzia	9
2.3.1.4. Ilha de São Nicolau	10
2.3.1.5. Ilha do Sal	11
2.3.1.6. Ilha da Boa Vista	12
2.3.1.7. Ilha do Maio	13
2.3.1.8. Ilha de Santiago	14
2.3.1.9. Ilha do Fogo	16
2.3.1.10. Ilha da Brava	17
2.3.2. Clima	18
CAPÍTULO 3 - CULTURA CABO-VERDIANA	19
3.1. CULTURA CABO-VERDIANA	20
3.2. Tradições	20
3.2.1. Música	20
3.2.2. Dança	21
3.2.3. Teatro	22
3.2.4. Artesanato	23
3.2.5. Gastronomia	24
CAPÍTULO 4 - SALA DE ESPECTÁCULOS	26
4.1. CONCEITOS	27
4.1.1. Espectáculo	27
4.1.2. Sala de Espectáculo	27
4.2. TIPOS DE PALCO DE UMA SALA DE ESPECTÁCULO	27
4.2.1. O “Tréteau” (cavalete) ou tablado descoberto	27
4.2.2. O Palco à Italiana	28
4.2.3. O Palco à Inglesa ou de proscénio prolongado	28
4.2.4. O Palco rebaixado ou de anfiteatro	29
4.2.5. O Palco de arena	29
4.3. ARQUITECTURA E ACÚSTICA	30
4.3.1. Isolamento Acústico	30
4.3.2. Absorção Acústica	30
4.4. ASPECTOS BÁSICOS DA ACÚSTICA DE SALAS	31
4.4.1. Som directo e som reverberado	31
4.5. CONCHA ACÚSTICA	33
4.5.1. Definição	33

4.5.2.	Comportamento Acústico de uma Concha Acústica.....	33
4.5.3.	Características Técnicas de uma Concha Acústica	34
CAPÍTULO 5 - CENTRO DE ARTES E ESPECTÁCULO DO MINDELO		35
5.1.	INTRODUÇÃO.....	36
5.2.	LOCALIZAÇÃO	36
5.3.	CONDIÇÕES DO EXISTENTE	37
5.4.	ADEQUAÇÃO À LEGISLAÇÃO.....	38
5.5.	PROPOSTA ARQUITECTÓNICA.....	39
5.5.1.	Metodologia e conceito	39
5.5.2.	Intervenção Arquitectónica programa e funcionalidade	40
5.5.3.	Questões técnicas e construtivas.....	40
5.5.3.1.	Sala de espectáculos e zona técnica.....	40
5.5.3.2.	Acústica e mecânica de cena.	41
5.5.4.	Aspectos formais e estéticos.....	42
CAPÍTULO 6 - CONCLUSÃO.....		43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		45

Índice de figuras

FIGURA 2.1 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA. (MORENO, 2009)	5
FIGURA 2.2 - ARQUIPELAGO DE CABO VERDE. (GLOBAL GEOGRAFIA,)	6
FIGURA 2.3 - ILHA DE SANTO ANTÃO. (PATRIMONIUM, 2010)	7
FIGURA 2.4 - (1) FORMIGUINHAS. (WIKIPEDIA, 2006), (2) TRAPICHE RIBEIRA DA CRUZ. (WIKIPEDIA, 1996)	7
FIGURA 2.5 - ILHA DE SÃO VICENTE. (SANTOS, 2007)	8
FIGURA 2.6 - (1) MONTE CARA. (NÉRITO LOPES, 2011), (2) PORTO GRANDE. (MGF, 2007)	9
FIGURA 2.7 - ILHA DE SANTA LUZIA. (WALDIR, 2008)	10
FIGURA 2.8 - (1) ILHA DE SANTA LUZIA(VISTA DE CALHÃO, SÃO VICENTE. (SANTOS, 1996), (2) PRAIA DE SANTA LUZIA. (MGF, 2007).....	10
FIGURA 2.9 - ILHA DE SÃO NICOLAU. (QUINQUIM,2007)	11
FIGURA 2.10 - (1) VILA DA RIBEIRA BRAVA. (QUINQUIM,2007), (2) CARRIÇAL. (QUINQUIM,2007)	11
FIGURA 2.11 - ILHA DO SAL. (KRIOLITO,2010)	12
FIGURA 2.12 - (1) SALINAS. (PATRIMONIUM), (2) PRAIA DA PONTA PRETA. (ILHA DO SAL)	12
FIGURA 2.13 - ILHA DA BOA VISTA. (QUINQUIM, 2007).....	13
FIGURA 2.14 - (1) PRAIA DA VARANDINHA. (ADRIÃO, 2011), (2) PRAIA DA PONTA PRETA. (MGF, 2007)	13
FIGURA 2.15 - ILHA DO MAIO. (QUINQUIM,2007)	14
FIGURA 2.16 - (1) PERIMETRO FLARESTAL. (MGF, 2007) (2) PRAIA DO MAIO. (MGF, 2007).....	14
FIGURA 2.17 - ILHA DE SANTIAGO. (QUINQUIM,2007)	15
FIGURA 2.18 - (1) CIDADE VELHA. (MGF, 2007) (2) TARRAFAL. (MGF, 2007).....	15
FIGURA 2.19 - ILHA DO FOGO. (QUINQUIM,2007)	16
FIGURA 2.20 - (1) VULCÃO DO FOGO. (MGF, 2007) (2) VISTA DA PARTE ALTA. (MGF, 2007)	16
FIGURA 2.21 - ILHA DA BRAVA. (QUINQUIM, 2007).....	17
FIGURA 2.22 - (1) VISTA PARA O VULCÃO DO FOGO. (MGF, 2007), (2) FAJÃ D´ ÁGUA . (MGF, 2007)	17
FIGURA 2.23 - (1) ILHA DA BOA VISTA. (QUINQUIM,2007), (2) CIDADE VELHÃ . (GULTO, 2008).....	18
FIGURA 3.1 - PEIXEIRA E PESCADOR. (CÂNDIDA ROCHA, 2005)	20

FIGURA 3.2 - (1) CESÁRIA EVORA “DIVA DOS PÉS DESCALÇOS. (JPALMA, 2009), (2) BATUKO DE SANTIAGO. (OLIVEIRA, 2010)	21
FIGURA 3.3 - (1) FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA. (CIDADE DE PORTO NOVO, 2011) (2) FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA. (TSAFAS, 2008).....	22
FIGURA 3.4 - (1) GRUPO FINKA PÉ. (JORNAL “O ALMONDA”, 2009), (2) FUNANÁ. (CABOINDEX, 2007)	22
FIGURA 3.5 - (1) FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO EM CABO VERDE. (AFRICANIDADE, 2009),	23
FIGURA 3.6 - (1) ARTESANATO CABO-VERDIANO. (FERNANDA, 2010), (2) KIKI LIMA “RUA DE LISBOA”. (A SEMANA, 2007). 24	
FIGURA 3.7 - (1) MODGE, FRISNOTE E CATCHUPA. (TEIA PORTUGUESA,), (2) QEUJO DE CABRA COM DOCE DE PAPAIA. (CHORÃO, 2008).....	24
FIGURA 3.9 - PONCHE DE CABO VERDE. (,2009).....	25
FIGURA 4.1 - (1), (2) SALA DE ESPECTÁCULOS. (CENTRO CULTURAL DE LAGOS, 2011)	27
FIGURA 4.2 - (1) O PALCO À ITALIANA. (JB AT, 2007);(2) O PALCO À ITALIANA. (NÚCLEO DE ARTE E CULTURA,)	28
FIGURA 4.3 - (1) O PALCO À INGLESA. (JB AT, 2007); (2) O PALCO À INGLESA. (WILLIAM SHAKESPEARE, 1564-1616)	28
FIGURA 4.4 - O PALCO DE ANFITEATRO. (HADES, 2011)	29
FIGURA 4.5 - (1) O PALCO DE ARENA. (JB AT, 2007); (2) O PALCO DE ARENA. (NÚCLEO DE ARTE E CULTURA,).	29
FIGURA 4.6 - ISOLAMENTO ACÚSTICO. (ATSP, 2008)	30
FIGURA 4.7 - ISOLAMENTO ACÚSTICO. (ACUSTERM,)	31
FIGURA 4.8 - ILUSTRAÇÃO DE SOM DIRECTO EM CAMPO LIVRE (APROXIMAÇÃO GEOMÉTRICO DE RAIOS SONOROS)	32
FIGURA 4.9 - ILUSTRAÇÃO DO SOM DIRECTO E DO SOM REFLECTIDO (REFLEXÃO ESPECULAR) EM CAMPO REVERBERANTE.	32
FIGURA 4.10 - (1) CONCHA ACÚSTICA. (TEATRO MUNICIPAL DE FARO, 2005); (2) CONCHA ACÚSTICA. (PARÓQUIA SÃO JOSÉ,2008).....	33
FIGURA 4.10 - COMPORTAMENTO ACÚSTICO.....	34
FIGURA 4.10 - CONCHA ACÚSTICO (CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL, 2004)	34
FIGURA 5.1 - ÁREA DE INTERVENÇÃO (FOTO MONTAGEM DO GOOGLE)	37
FIGURA 5.2 - FOTOS DO LOCAL	38
FIGURA 5.3 - SALA DE ESPECTÁCULOS	41
FIGURA 5.4 - INTERIOR DA SALA, CONCHA ACÚSTICA	42

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

1.1. Relevância da temática

O arquipélago de Cabo Verde está localizado no sector oriental do Oceano Atlântico, a 455 km a oeste da costa africana que lhe atribui o nome: Cabo Verde. É constituído por dez ilhas e cinco ilhéus, de origem vulcânica, que estão divididos em dois grupos: Barlavento, com as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boavista e os ilhéus Branco e Raso; e Sotavento, com as ilhas da Boavista, do Maio, Santiago, Fogo e Brava, e os ilhéus Grande Luís Carneiro e Cima. Localizado na extremidade ocidental da faixa do deserto de Sahara e a savana semi-árida do sul, o arquipélago de Cabo Verde é caracterizado por um clima semi-árido, que apresenta a estação «seca», de Julho a Novembro, e «húmida», de Agosto a Outubro.

Cabo Verde manifesta-se de várias maneiras, no entanto a sua cultura é a que prevalece. Tendo por base a interacção cultural entre as ilhas e com outras culturas do mundo, leva a que esta seja encarada como o elemento fundamental e competitivo que atrai riqueza à economia de Cabo Verde, e conseqüentemente aquela que deve ser estudada e analisada de forma a permitir o seu desenvolvimento.

Nação mestiça, Cabo Verde tem na “morabeza” a característica principal do seu povo, num convite permanente à descoberta das diferentes formas de expressão e manifestação da sua idiosincrasia, com destaque para a música, a dança, o artesanato e a gastronomia, sendo no plano musical que o país tem mais orgulho com as suas mornas, coladeiras, batuque, funaná e outros ritmos.

A ilha onde se localiza o caso em estudo, é a segunda mais populosa do arquipélago de Cabo Verde, localizada no grupo de barlavento e posicionada a nordeste. Mindelo, cidade de São Vicente é um centro cultural onde o desenvolvimento artístico, como a música, merece sempre destaque, sendo conhecida como a capital cultural de Cabo Verde. Para além da música, a cultura são vicentina também se destaca nas áreas do teatro e da literatura.

Pretende-se então, com este projecto, criar uma sala de espectáculos para enriquecer a ilha de São Vicente de modo a que a cultura, principalmente a música pela qual é tão conhecida, seja evidenciada. Deste modo, o projecto prevê estabelecer um palco onde se irão realizar peças de teatro e concertos de vários tipos de música, um salão de ensaios, espaços para exposições e convívios como café-bar/concerto, para que se torne num espaço atractivo tanto para os próprios habitantes como para os turistas. O espaço a ser projectado pretende ter condições e programa aptos a suportar todas estas iniciativas.

1.2. Objectivos

São objectivos deste trabalho:

- Contribuir para a melhoria da cidade do Mindelo através da sua dotação com um espaço cultural;
- Favorecer a visibilidade da ilha de São Vicente no conjunto de Cabo Verde e deste arquipélago no Mundo;
- Criar condições que possibilitem a divulgação e atracção turística e correspondente progresso socioeconómico de São Vicente;
- Revitalizar o conjunto envolvente ao local de implantação do edifício a projectar.

1.3. Metodologia

O presente trabalho seguiu um caminho organizado em quatro fases:

A Primeira Fase: Pesquisa bibliográfica, com a sintetização sobre o tema a desenvolver;

A Segunda Fase: Organização dos elementos, interpretação e escrita da presente dissertação. Assim como o trabalho esta organizado em 6 Capítulos. O Capítulo 1, Introdução, apresenta-se a relevância do tema, os objectivos e ainda estrutura do mesmo. O Capítulo 2, é apresentado a localização geográfica, o enquadramento histórico, a caracterização e o clima do Arquipélago retratando o caso em específico de cada ilha. O Capítulo 3, apresentam-se as tradições do povo cabo-verdiano. Um povo que vive muito da música, com muitos artistas reconhecidos mundialmente, a dança com ritmos quentes e alegres, o teatro que é o forte em algumas ilhas nomeadamente a de São Vicente onde se realiza os encontros de teatros nacionais e internacionais, o artesanato pelas suas obras artesanais usando materiais da terra e a gastronomia pelos seus magníficos pratos e também não esquecendo os magníficos ponches e licores de água ardente mais conhecido por grogue. O Capítulo 4, são abordados alguns dos temas fulcrais para o desenvolvimento do caso de estudo, como alguns tipos de palcos de salas de espectáculo assim como a acústica, o som entre outros para assim se optar para a melhor solução. O Capítulo 5, que consiste na apresentação da evolução do projecto de um edifício de artes e espectáculos, onde é apresentada a idealização e materialização da intervenção acompanhada de desenhos e esquemas explicativos até a solução final.

A Terceira Fase: Realização da parte prática da dissertação, são efectuadas estudos e análises do existente e da área a intervir para a idealização e projecção da proposta, como este referido no Capitulo 5.

A Quarta Fase: Por fim, no último capítulo apresentam-se algumas conclusões e avançam-se com algumas propostas de trabalho a efectuar.

CAPÍTULO 2 - CABO VERDE

2.1. Geografia - Localização

O Arquipélago de Cabo Verde situa-se a 455 km da costa Africana e é constituído por dez ilhas e oito ilhéus, que se estendem por cerca de 4033 Km² formadas pela acumulação de rocha resultantes de erupções sobre as plataformas submarinas.

O Arquipélago tem, de uma forma geral, um aspecto importante e majestoso. Algumas ilhas são áridas, mas noutras a vegetação é exuberante e tropical.

Os ventos Alísios vindos do Continente Africano dividem o país em dois grupos, o de Barlavento constituído por Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boa Vista e o de Sotavento pelas ilhas de Maio, Santiago, Brava e Fogo.

O relevo da maior parte das ilhas é acidentado, com altitudes que ultrapassam os mil metros em algumas ilhas atingindo mesmo cerca de 2.830 metros na ilha do Fogo. As três ilhas mais orientais, Sal, Boa Vista e Maio, têm um relevo mais plano e um clima mais árido por estarem expostas aos ventos secos e quentes do Deserto de Sahara.



Figura 2.1 - Localização Geográfica. (Moreno, 2009)

2.2. Enquadramento Histórico

As ilhas de Cabo Verde foram descobertas por navegadores portugueses em Maio de 1460, sem indícios de presença humana anterior. Santiago foi a primeira ilha mais favorável para a ocupação humana e por isso começa a ser povoada em 1462. Dada a sua posição estratégica, nas rotas que ligavam entre si a Europa, a África e o Brasil, as ilhas serviram de entreposto comercial e de aprovisionamento, com particular destaque no tráfico de escravos. Desde logo, o arquipélago tornou-se num centro de concentração e dispersão de homens, plantas e animais.

No entanto com a abolição do comércio de escravos e a constante deterioração das condições climáticas, Cabo Verde entrou em decadência e passou a viver com base numa economia pobre, de subsistência. Deste modo europeus livres e escravos da costa africana fundiram-se num só povo, o cabo-verdiano, que adquiriu uma forma de estar e viver muito próprias surgindo uma nova cultura como também o crioulo um “idioma” da comunidade maioritariamente mestiça.

Em 1956, Amílcar Cabral criou o partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), lutando contra o colonialismo e iniciando uma marcha para a independência e a 19 de Dezembro de 1974 foi assinado um acordo entre o PAIGC e Portugal, instaurando-se um governo de transição em Cabo Verde. Este mesmo governo preparou as eleições para uma assembleia Nacional que em 5 de Julho de 1975 proclamou a independência. A demarcação cultural em relação a Portugal e a divulgação de ideias nacionalistas conduziram à independência do arquipélago em Julho de 1975. Em 1991, na sequência das primeiras eleições pluripartidárias realizadas no país, foi instituída uma democracia parlamentar com todas as instituições de uma democracia moderna.

Hoje Cabo Verde é um país com estabilidade e paz sociais, pelo que goza de créditos junto de governos, empresas e instituições financeiras internacionais.

2.3. Caracterização do Arquipélago

2.3.1. Ilhas-Contextualização Histórica

Como foi referido Cabo Verde é constituído por dez ilhas, que irão ser estudadas de seguida para que seja possível uma melhor percepção de cada ilha, quer a nível cultural e social entres outros factores que sejam relevantes mencionar para o caso em estudo.



Figura 2.2 - Arquipélago de Cabo Verde. (Global Geografia,)

2.3.1.1. Ilha de Santo Antão

Santo Antão é a ilha mais ocidental e a mais ao Norte do arquipélago. Com 779 Km², ela é a segunda maior do arquipélago e a ilha com maior pluviosidade.

A história geológica desta ilha é marcada por períodos de actividades vulcânicas intensa interrompidos por fases em que a erosão foi marcante. Com efeito, as ribeiras são profundas e os picos e os cumes apresentam-se escarpados.

Uma cordilheira estende-se de Nordeste para Sudeste e culmina em Topo de Coroa com a altitude de 1979 metros.

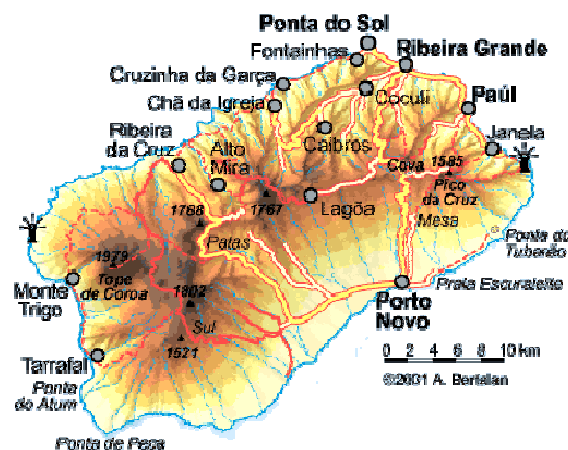


Figura 2.3 - Ilha de Santo Antão. (Patrimonium, 2010)

A paisagem da vertente ocidental é desértica de vegetação herbácea. No entanto os planaltos existentes na parte central da cordilheira, apresentam um clima fresco e húmido sendo cobertos de árvores inexistentes no resto do arquipélago, por isso a vertente oriental é verdejante fazendo de Santo Antão uma ilha eminentemente agrícola com o fabrico e cultivo de alimentos e frutas como a cana-de-açúcar dando origem ao mel e Grogue (bebida mais típica de todo o arquipélago), frutas como a manga e banana, e ainda o queijo de cabra apreciado nacionalmente.



(1)



(2)

Figura 2.4 - (1) Formiguinhas. (Wikipedia, 2006), (2) Trapiche Ribeira da Cruz. (Wikipedia, 1996)

Aliado à hospitalidade do seu povo (47.124 habitantes), a ilha de Santo Antão encontra o seu maior fascínio na imponência das suas montanhas verdejantes e das suas falésias, que caem sobre o mar que a tornam única.

2.3.1.2. Ilha de São Vicente

São Vicente, com 227 Km² de superfície e 74.136 habitantes é a segunda ilha mais povoada do arquipélago. Descoberta no dia de São Vicente, a 22 de Janeiro de 1462, foi praticamente desabitada até meados do séc. XIX. Mindelo, a capital da ilha, desenvolveu-se através da actividade portuária. Com efeito, os ingleses foram quem instalaram em 1838, após pacto com Portugal, um depósito de carvão para reabastecimento de navios em rotas atlânticas, criando as bases para o povoamento da ilha.



Figura 2.5 - Ilha de São Vicente. (Santos, 2007)

Encruzilhada de barcos de várias nacionalidades, Mindelo tornou-se ponto de encontro de marinheiros de diversas raças, convertendo-se na cidade mais cosmopolita de Cabo Verde. A população *mindelense*, é pois notavelmente aberta e liberal.

A cidade do Mindelo é um centro cultural onde o desenvolvimento artístico, nomeadamente a música, a intelectualidade e o desporto merecem sempre destaque.

Porto Grande é o principal porto do país, estando dotado de um terminal de contentores e de instalações de frio e silos que possibilitam a actividade de transbordo de cargas através do Atlântico.

Sendo o volume das importações relativamente grande, a infra-estrutura portuária do Mindelo possibilita uma articulação dinâmica com o exterior, facilitando e incentivando o investimento externo em Cabo Verde.

No sector industrial, São Vicente apresenta, actualmente, uma elevada disponibilidade de mão-de-obra não qualificada.

No parque industrial da ilha estão hoje presentes unidades fabris, essencialmente de investimento estrangeiro, nas actividades de confecções, calçado, e transformação de pescado. Os autores de Mindelo, proporcionam paisagens surpreendentes, em particular a praia da Baía das Gatas, o miradouro Craveiro Lopes, O Monte Verde, o Morro Branco, a Ponta João Ribeiro e o Monte Cara.



(1)



(2)

Figura 2.6 - (1) Monte Cara. (2011), (2) Porto Grande. (MGF, 2007)

São Vicente foi sempre uma ilha fértil em termos culturais e por isso Mindelo é informalmente considerada a capital cultural de Cabo Verde e a sua noite é famosa pelos seus bares animados com música ao vivo, nos quais por exemplo se iniciou a carreira da grande cantora Cesária Évora. Além da música, a cultura são-vicentina destaca-se em diversas áreas como o teatro e a literatura, sendo também dona de vários eventos anuais muito procurados como o Carnaval, as festividades de Fim de Ano e o Festival de Música da Baía das Gatas, realizado no primeiro fim-de-semana de lua cheia no mês de Agosto, são o ex-libris da ilha.

2.3.1.3. Ilha de Santa Luzia

Com os seus 35 Km² de área e altitude máxima de 395 metros, Santa Luzia é a única ilha do arquipélago que ainda é desabitada. Contudo, a presença humana na ilha tem sido a presença frequente de pescadores, normalmente vindos de São Vicente, que por vezes fazem uma ou mais jornadas na ilha desabitada.

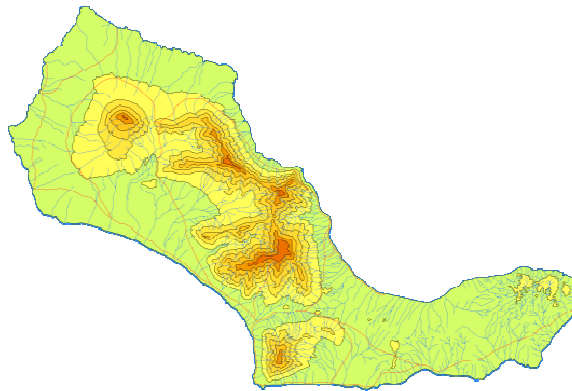


Figura 2.7 -Ilha de Santa Luzia. (Waldir, 2008)

A ilha é considerada uma importante reserva natural, tendo sido declarada Património Público pelo Estado de Cabo Verde em 1990. Santa Luzia, exposta à erosão, apresenta um relevo acentuado e costas recortadas. Nesta, surgem algumas praias de areia branca esplêndidas que acolhem temporariamente excursionistas vindos da ilha de São Vicente, por questões de proximidade, em busca de tranquilidade total, de sol e muita pescaria.



(1)



(2)

Figura 2.8 - (1) Ilha de Santa Luzia(Vista de calhão, São Vicente. (Santos, 1996), (2) Praia de Santa Luzia. (MGF, 2007)

2.3.1.4. Ilha de São Nicolau

A ilha de São Nicolau com 346 Km² e com 13.536 habitantes, mostra o resultado de um passado vulcânico muito activo. Monte Gordo com 1304 metros é o ponto mais elevado da ilha.



Figura 2.9 - Ilha de São Nicolau. (Quinquim,2007)

Com potencialidades agrícolas, começou por ter como principal produto de exportação o café, vindo este a ser substituído pela cana do açúcar.



(1)



(2)

Figura 2.10 - (1) Vila da Ribeira Brava.(Quinquim,2007), (2) Carrizal.(Quinquim,2007)

A vila da ribeira Brava é a sede administrativa do concelho. É uma vila com ruas estreitas e onde, pela sua arquitectura e simbolismo, se destacam a Igreja Matriz e o Seminário-Liceu. É reconhecida como o berço do movimento literário “Claridade”, um marco para a literatura cabo-verdiana, distinguindo-se como um importante foco de cultura que veio influenciar várias gerações de intelectuais cabo-verdianos.

A pesca é uma actividade importante na ilha e serviu base à instalação de uma indústria de conservas de peixe no Tarrafal, que fica situado no extremo leste.

2.3.1.5. Ilha do Sal

A ilha do Sal é das ilhas do arquipélago mais próximas do continente africano. Submetida a condições climatéricas similares às que, na mesma latitude, se verificam naquele continente, é uma ilha muito árida e plana, apesar da sua origem vulcânica. Tem uma superfície total de 216 Km² e uma extensão máxima de cerca de 30 km, mas com cerca de 14.800 habitantes.



Figura 2.11 - Ilha do Sal. (Kriolito,2010)

A ilha, praticamente deserta, só começou a ter actividade económica expressiva com a exploração das suas salinas, tornando-se exportadora de sal até meados de 1980. Visando um porto de escala para voos para América do sul, surge na ilha em 1939. Por iniciativa italiana, o aeroporto internacional Amílcar Cabral que hoje é o principal porto de entrada no país. O seu surgimento determinou aumento de migração interna, sobretudo de São Nicolau para a ilha do Sal e aumento do turismo e conseqüentemente a possibilidade de exploração de grandes complexos turísticos, que e nestes últimos 20 anos se têm vindo a instalar. e possibilita a exploração dos modernos complexos turísticos, que nos últimos 20 anos se vêm instalando.



(1)



(2)

Figura 2.12 - (1) Salinas (Mendes, 2011). (2) Praia da Ponta Preta (Ilha do sal, 2008)

2.3.1.6. Ilha da Boa Vista

Com uma superfície de 620 Km², a ilha da Boa Vista é relativamente plana e à semelhança das ilhas do Sal e do Maio, Boa vista tem o clima e a paisagem fortemente marcados por ventos secos e quentes provenientes do deserto do Sahara.



Figura 2.13 - Ilha da Boa Vista. (Quinquim, 2007)

As praias de areia branca, extensas solitárias, e a pouca distância do aeroporto internacional do Sal fazem da Boa Vista uma ilha do arquipélago com maior potencial para o desenvolvimento do turismo de mar. As possibilidades de hospedagem, que outrora foram escassas e compensadas pela hospitalidade dos boavistenses, têm vindo a aumentar consideravelmente pela construção de unidades hoteleiras e aldeamentos turísticos. Sal Rei é a capital da ilha. A vida dos seus 4.200 habitantes desenvolve-se com grande simplicidade e essencialmente à volta do seu porto encontrando-se também no seu interior a existência de pequenas povoações. Os seus habitantes, vivem numa luta constante contra a escassez de água que são escassas. A criação de gado é a principal actividade realizada na ilha sendo o queijo da Boa Vista o produto mais fabricado e comercializado.



(1)



(2)

Figura 2.14 - (1) Praia da Varandinha. (Adrião, 2011), (2) Praia da Ponta Preta. (MGF, 2007)

2.3.1.7. Ilha do Maio

Maio é uma das mais pequenas ilhas do arquipélago, com superfície de 270 Km². Os seus 6.742 habitantes dedicam-se fundamentalmente à pesca e à criação de gado. Apesar de ser uma ilha desértica, alguns oásis se vislumbram.



Figura 2.15 - Ilha do Maio. (Quinquim,2007)

Cerca de 50% da água aqui consumida é retirada de poços por moinhos de vento como aproveitamento da energia eólica.

Com o programa de reflorestação, o Maio alberga hoje o maior perímetro florestal do país, com uma área total de 35000 hectares, e permite obter carvão de madeira.

A doze minutos de voo a partir da cidade da Praia, o Maio tem nas suas praias de areia branca e mar azul, na hospitalidade do seu povo, nos produtos do mar e na tranquilidade, os seus atractivos turísticos, que dão corpo a projectos de exploração turística da ilha. No seu porto, agora reabilitado, o programa de revitalização da ilha do Maio toma maior dinamismo.



(1)



(2)

Figura 2.16 - (1) Perímetro Florestal. (MGF, 2007) (2) Praia do Maio. (MGF, 2007)

2.3.1.8. Ilha de Santiago

A ilha de Santiago foi a primeira ilha a ser povoada após as descobertas portuguesas no século XV. É a maior das ilhas, onde se localiza a cidade da Praia, capital do país e sede do Governo da República. Tem cerca de 235.803 habitantes e uma área de 991 Km². Santiago apresenta vários maciços montanhosos para além do Pico de Antónia, com 1392 metros de

2.3.1.9. Ilha do Fogo

A ilha do Fogo foi descoberta a 1 de Maio de 1460 e foi inicialmente designada por São Filipe, passando mais tarde a ser identificada por Fogo. Ilha com forma circular e uma área de 476 Km², é a quarta em dimensão, tendo 37.409 habitantes. A sua superfície é um vulcão ainda activo com uma altitude de 2.829 metros. É imponente tanto pela sua dimensão como pela sua beleza, constituindo o ex-libris da ilha e o seu maior interesse turístico.

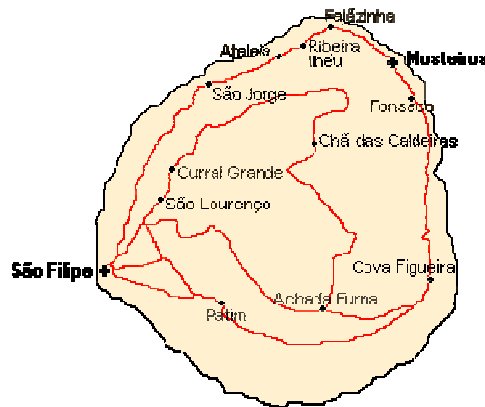


Figura 2.19 - Ilha do Fogo. (Quinçim,2007)

São Filipe, a capital da ilha com 6.500 habitantes, encontra-se virada para o mar com vista para a ilha vizinha, ilha da Brava.

As suas ruelas pavimentadas, os seus numerosos jardins de árvores e flores e a sua arquitectura colonial portuguesa conferem a São Filipe enormes atractivos e charme. Em Chã das Caldeiras, aldeia instada dentro da cratera do vulcão ainda activo, poder-se-á vislumbrar uma gama de tons pintada pela natureza. Actualmente, e apesar das escassas chuvas na ilha assim como em todo o arquipélago, nota se que o Fogo é uma ilha de espantosa fertilidade.

É verdadeiramente difícil descrever a beleza desta ilha caracterizada pelos contrastes entre a lava negra e as terras férteis.



(1)



(2)

Figura 2.20 - (1) Vulcão do Fogo. (MGF, 2007) (2) Vista da parte alta. (MGF, 2007)

2.3.1.10. Ilha da Brava

Conhecida como a “ilha das Flores”, Brava é a menor ilha, com 64 Km², situada mais ao sul do arquipélago com cerca de 6.900 habitantes. Foi descoberta em 1642, mas o seu povoamento deu-se muito mais tarde.

Em 1680, devido a uma erupção vulcânica, os habitantes do fogo deslocaram-se para esta ilha.



Figura 2.21 - Ilha da Brava. (Quinquim, 2007)

No final do séc. XVIII os baleeiros americanos de New Bedford e de Rhode Island começaram a utilizar a ilha como ponto de reabastecimento e recrutamento de marinheiros cabo-verdianos. A economia desta ilha baseia-se, essencialmente, na agricultura e na pesca.

Não obstante a falta de chuva, as culturas fazem-se engenhosamente, em terraços irrigados pela água de nascente ou de cisternas que aprovisionam água das chuvas para todo o ano.

Por toda a ilha e particularmente em lugares isolados e relaxantes, como são casos a localidade de Nossa Senhora do Monte e Fajã d'Água a hospitalidade do povo bravense é notável.



(1)



(2)

Figura 2.22 - (1) Vista para o vulcão do Fogo. (MGF, 2007), (2) Fajã d'Água . (MGF, 2007)

2.3.2. Clima

O clima das ilhas mais acidentadas é variado e com alguma pluviosidade. É temperado graças à acção moderadora que o oceano e os ventos alísios exercem sobre a temperatura, sendo que as médias anuais raramente se elevam acima dos 25°C, nunca descendo abaixo dos 20°C. A temperatura da água do mar varia entre 21°C em Fevereiro e Março e 25°C em Setembro e Outubro. A estabilidade climática de Cabo Verde garante possibilidade de se fazer turismo durante todo o ano.



(1)



(2)

Figura 2.23 - (1) Ilha da Boa Vista. (Quinquin,2007), (2) Cidade Velhã . (Gulto, 2008)

CAPÍTULO 3 - CULTURA CABO-VERDIANA

3.1. Cultura Cabo-Verdiana

A cultura de Cabo Verde possui características singulares. É “mestiça”, como a sua população, numa das misturas mais originais e criativas do continente africano. No período colonial, a pintura não teve particular expressão. Segundo o Instituto das Comunidades de Cabo Verde, esta ganha relevância após a independência do país, altura em que a cultura autóctone foi incentivada. Vieram “gritos de liberdade e de busca de raízes, na qual imperou a febre do nacionalismo revolucionário”, que se reflectiram nesta forma de expressão. Com a abertura do país ao mundo, a pintura evolui, ganhando rasgos de modernidade e dinamismo. No entanto não é somente apenas a pintura que reflecte a vida e as raízes do país, também o artesanato espelha o quotidiano da população assim como o teatro e a música.



Figura 3.1 - Peixeira e pescador. (Cândida Rocha, 2005)

3.2. Tradições

3.2.1. Música

A música descreve a realidade dos pensamentos de um determinado povo ou de uma nação, através da música pode-se saber um pouco sobre a cultura, os hábitos e as crenças populares, morais e as tradições de um povo. Musicalmente cada povo exprime-se de acordo com o seu género, a sua idiossincrasia, os seus momentos e circunstâncias.

O povo cabo-verdiano não havia de construir excepção com influência da cultura desde a sua origem. O cabo-verdiano tem reconhecido o valor das músicas, pois esta foi certamente fiel companheira desde os tempos antigos, tendo desta forma a sua própria dialéctica como nova entidade no palco da história. O viver deste povo é mostrado nas mornas cantadas, resultante do quotidiano. A música sempre teve peso para o povo cabo-

verdiano, abarcando a totalidade da circunstância da vida, da fome a fartura, da partida ao regresso, da alegria e da tristeza, da dor a euforia, da morte a vida e da realidade.

Hoje a música cabo-verdiana tem um destaque muito importante quer a nível nacional quer internacional, pois hoje não se canta somente os géneros de músicas tradicionais, mas também trazem na bagagem vários estilos de músicas como a kizomba, o reggaeton, o rap e o hip-hop igualmente apreciadas por todo o mundo.



(1)



(2)

Figura 3.2 - (1) Cesária Évora “diva dos pés descalços. (JPalma, 2009), (2) Batuko de Santiago. (Oliveira, 2010)

Apesar de dotar novos estilos de músicas, existem jovens talentos como a Mayra Andrade que apesar de muito jovem já é conhecida em vários países com participação em vários concursos internacionais, fazendo com que a música cabo-verdiana seja conhecida por toda parte do mundo. Para os cabo-verdianos é bom que a sua cultura, mesmo que representada na música, seja conhecida pelo mundo fora e não só Mayra como Cesária Évora a cantora tão conhecida como a Diva dos pés descalços, uma das artistas mais reconhecidas a nível internacional, levam a cultura cabo-verdiana para a África, Europa, Ásia e América.

A música cabo-verdiana vive-se na melodia, mesmo que o seu público espalhado pelo mundo não compreenda a letra acabam por se deixar prender pela melodia e pelos batimentos.

A morna, coladeira, funaná, batuque e o finaçon são os géneros musicais tradicionais mais difundidos do riquíssimo património musical de Cabo Verde.

3.2.2. Dança

A dança cabo-verdiana, tanto a tradicional como a contemporânea, está bastante ligada aos ritmos musicais mais populares, como a morna, a coladeira, o funaná, o batuque e o *colá san djon*. Mas persistem, sobretudo nas ilhas da Boa Vista, Santo Antão, Brava e São Nicolau, a tradição de danças outrora em voga como a contradança e a mazurca e entre outros.



(1)



(2)

Figura 3.3 - (1) Festa de São João Batista. (Cidade de Porto Novo, 2011) (2) Festa de São João Batista. (Tsafas, 2008)

Com a Independência Nacional, ressurgia a ideia da valorização das artes nacionais e, nessa senda, a dança ganhou dimensão através do surgimento de alguns grupos, sobretudo na Praia e em São Vicente.



(1)



(2)

Figura 3.4 - (1) Grupo Finka Pé. (Jornal "O Almonda", 2009), (2) Funaná. (CaboIndex, 2007)

Em termos mais contemporâneos, Cabo Verde tem-se afirmado na dança, graças ao grupo *Raiz di Polon*. Uma companhia que sem deixar de apresentar o tradicional cabo-verdiano, se afirma internacionalmente com a estilização do bailado moderno, próximo às performances de ballet e de arte cénicas.

3.2.3. Teatro

O Teatro em Cabo Verde remonta aos primórdios da época colonial, sobretudo o teatro de raiz popular e religiosa, ligado aos rituais de trabalho e aos rituais sagrados. A representatividade cénica cabo-verdiana igualmente oriunda do teatro medieval português e do teatro africano. Desse encontro, emerge essencialmente a comédia popular.

Falar do teatro em Cabo Verde há que lançar mão de uma concepção alargada de actividade teatral para podermos incluir nela certas manifestações lúdicas e cénicas, a peça de teatro é a que tem um enredo, personagens, um cenário e um público. Essa redefinição

conceptual permite abordar tempos e manifestações que uma conceptualização mais restrita e restritiva, mas também mais etnocêntrica da actividade, não consentiria. Antes do século XIX e da monarquia constitucional que, sob a influência das Luzes, inaugurou um movimento de modernização da sociedade cabo-verdiana, que, como veremos mais a frente, fez surgir entre nós sociedades recreativas e culturais. Portanto, antes das reformas oitocentistas que lançam o ensino público, a imprensa, a burocratização do Estado e as elites letradas. Neste tempo inicial, mas matricial por imprimir marcas indeléveis à nossa identidade colectiva.



(1)



(2)

Figura 3.5 - (1) Festival internacional de teatro em Cabo Verde. (Africanidade, 2009),

(2) Teatro em Cartaz. (Lopes, 2007)

3.2.4. Artesanato

O artesanato cabo-verdiano reflecte, naturalmente, o quotidiano da população, não só através dos materiais que usa como também dos temas que trata.

A cestaria em caniço, a tecelagem em algodão e a tapeçaria são áreas expressivas privilegiadas pelos artesãos local. Também o barro vermelho, retratando o homem/tipo cabo-verdiano, merece menção especial. Finalmente, os trabalhos com casca de coco, a bijutaria com conchas e as bonecas de trapos dão testemunho da criatividade dos artistas do arquipélago.

O trabalho criativo dos artesãos populares de Cabo Verde tem sido merecidamente apoiado pelo Centro Nacional de Artesanato (que será reinaugurado em 2007), sediado no Mindelo, e cuja função consiste em investigar, formar, produzir, comercializar e divulgar as diversas expressões do artesanato cabo-verdiano.



(1)



(2)

Figura 3.6 - (1) Artesanato Cabo-Verdiano. (Fernanda, 2010), (2) Kiki Lima "Rua de Lisboa". (A Semana, 2007)

Como sociedade cosmopolita que é integrada nos ventos da mundialização e intercâmbio de experiências, Cabo Verde tem artistas plásticos de reconhecido mérito a nível internacional. Em primeiro lugar citemos Leão Lopes, uma referência incontornável da cultura actual; ceramista, gráfico, fotógrafo, animador da galeria Alternativa, mentor da revista "Ponto e Vírgula", enfim, artista polivalente que pensa o presente já projectado para o futuro. Mas também merecem menção os pintores Kiki Lima, Tchalé Figueira, Bela Duarte (tapeçaria), Luísa Queiroz e Manuel Figueira - haveria muitos mais a citar - cuja obra reflecte sobre a dimensão social cabo-verdiana enquadrada num imaginário fantástico.

3.2.5. Gastronomia

Cabo Verde oferece uma variada escolha gastronómica de carácter marítimo e não só. Escusado será dizer que a oferta a nível de peixe e marisco é a mais variada possível. Lagosta, perceves, lapa, búzio, sem esquecer as famosas *bafas* que fazem as delícias dos apreciadores de marisco. O atum fresco, cozinhado em caldeirada, cebolada ou simplesmente grelhado é uma excelente alternativa.



(1)



(2)

Figura 3.7 - (1) Modje, Frisnote e Catchupa. (Teia Portuguesa,), (2) Queijo de cabra com doce de papaia. (Chorão, 2008)

Figura 3.8 - Modje, Frisnote e Catchupa. (Teia Portuguesa,)

A base da cozinha popular cabo-verdiana é o milho que, preparado de diferentes maneiras, acompanha, normalmente, a carne de porco, o feijão, a mandioca e a batata-doce. O mais conhecido e apreciado prato é a *catxupa* - a receita nacional, emblemática de Cabo Verde. Porém, existem outros pratos de grande riqueza gastronómica: o *xerém*, cuscuz, *djagacida*, caldo de peixe, pastéis de milho, queijo de Cabra com doce de papaia e entre outros.

Em relação à bebida, o famoso grogue local é o mais apreciado, mas também existem ainda o vinho do fogo, licores, o ponche - *pontxi* de vários tipos e sabores diferentes e também os refrescos.



Figura 3.9 - Ponche de Cabo Verde. (,2009)

CAPÍTULO 4 - SALA DE ESPECTÁCULOS

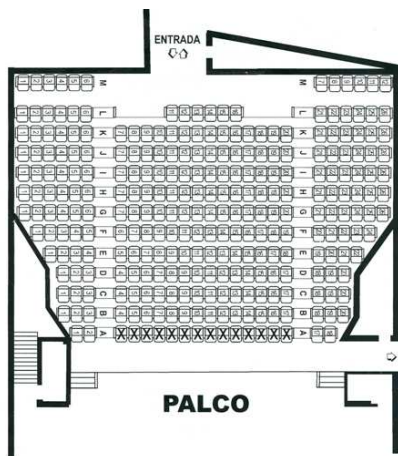
4.1. Conceitos

4.1.1. Espectáculo

É uma representação pública e é destinada a entreter. Pode ser uma apresentação teatral, musical, cinematográfica, circense, uma exibição de trabalhos artísticos, entre outros mais. Também tem a definição de tudo o que atrai ou prende a atenção. É uma intervenção que envolve duas partes: uma que actua e outra parte que vê, sendo que a que actua podem ser pessoas ou animais, mas as que vêem são sempre pessoas.

4.1.2. Sala de Espectáculo

É um espaço fechado onde se actua e se vêem espectáculos.



(1)



(2)

Figura 4.1 - (1), (2) Sala de espectáculos. (Centro Cultural de Lagos, 2011)

4.2. Tipos de palco de uma sala de espectáculo

4.2.1.0 “Tréteau” (cavalete) ou tablado descoberto

Consiste essencialmente num estrado praticável encostado a uma parede. Pelas várias aberturas dessa parte entram e saem os actores e só a essa parede se podem encostar os elementos de cenário, quando funciona como tablado de ar livre e tem consequentemente o público circundando-o por três lados. Era o palco habitual dos teatros de feira.

4.2.2. O Palco à Italiana

É hoje o mais frequente entre todos os teatros profissionais e amadores do mundo. É, ou deveria ser sempre construído por uma área de representação a descobrir pelo pano de boca, circundada por asas laterais e por um fundo, encobertos pelo cenário, com pequena zona de proscénio e, às vezes, com uma fossa de orquestra separando-o do público.

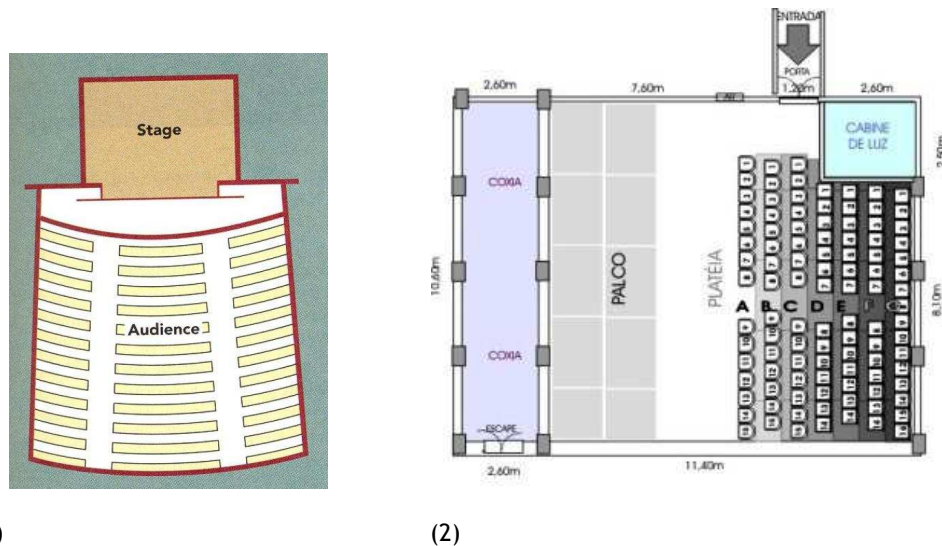


Figura 4.2 - (1) O palco à Italiana. (JB AT, 2007); (2) O palco à Italiana. (Núcleo de arte e cultura,)

4.2.3. O Palco à Inglesa ou de proscénio prolongado

A que se poderia chamar de inspiração isabelina, usado sobretudo pelos ingleses e que não passa afinal de uma variante do palco italiano. Consiste na seguinte adaptação dos teatros à italiana: anulação da ribalta, prolongamento do proscénio e dos maquinismos de cena.

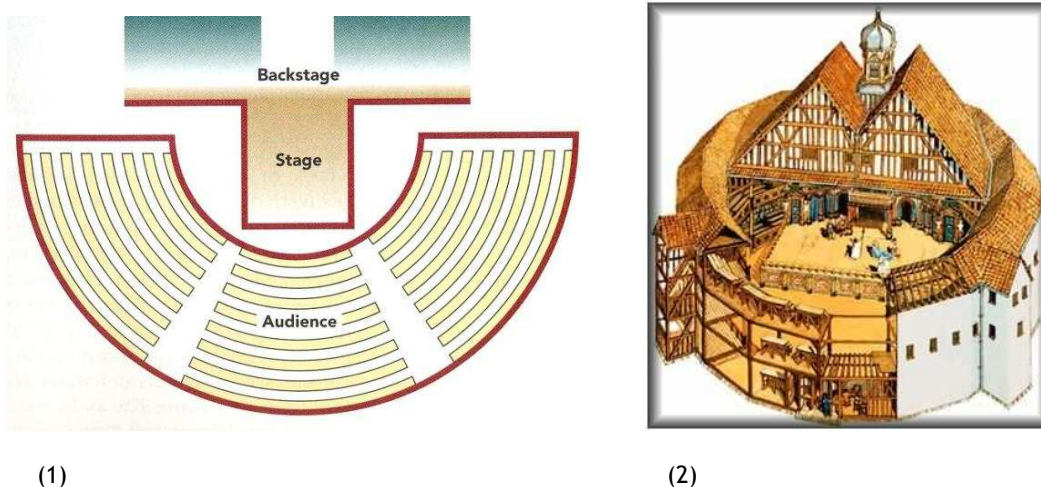


Figura 4.3 - (1) O palco à Inglesa. (JB AT, 2007); (2) O palco à Inglesa. (William Shakespeare, 1564-1616)

4.2.4. O Palco rebaixado ou de anfiteatro

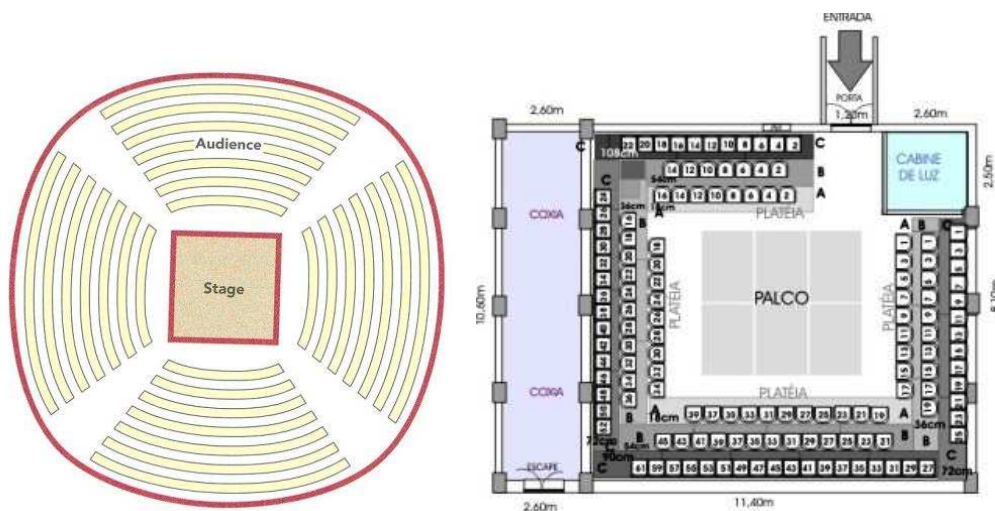
Difere de ambos sobretudo pelo ponto de vista do espectador que senta num anfiteatro que enfrenta. Isto basta comovermos para alterar profundamente os efeitos cenográficos e da marcação. É o exemplo que todos melhor conhecemos, pois corresponde à descrição do auditório do Centro Cultural do Mindelo, a sala mais utilizada pelos grupos teatrais de Cabo Verde.



Figura 4.4 - O palco de anfiteatro. (Hades, 2011)

4.2.5. O Palco de arena

Que é também um palco rebaixado, com a característica especial de ter o anfiteatro do público circundando-o completamente, o que dispensa todo o cenário impossibilita as ocupações. Os circos tradicionais funcionam neste tipo de estruturas que podem ser feitas em qualquer local e por isso é uma boa hipótese para quem faz teatro em Cabo verde.



(1)

(2)

Figura 4.5 - (1) O palco de arena. (JB AT, 2007); (2) O palco de arena. (Núcleo de arte e cultura,).

4.3. Arquitectura e Acústica

Para se estudar o tema da arquitectura e acústica no contexto musical é necessário ter em conta as infra-estruturas e o tipo de materiais utilizados para que seja potenciada a qualidade do som produzido quando se está numa sala de espectáculos.

Actualmente, os edifícios destinados a espectáculos musicais são construídos de raiz com estas preocupações relativamente aos materiais utilizados.

4.3.1. Isolamento Acústico

Refere-se à capacidade de certos materiais de isolamento formarem uma barreira, impedindo que a onda sonora (ou ruído) passe de um recinto para outro. Nestes casos deseja-se impedir que o ruído alcance o homem. Normalmente são utilizados materiais densos (pesados) como por exemplo: o betão, vidro, chumbo, etc.

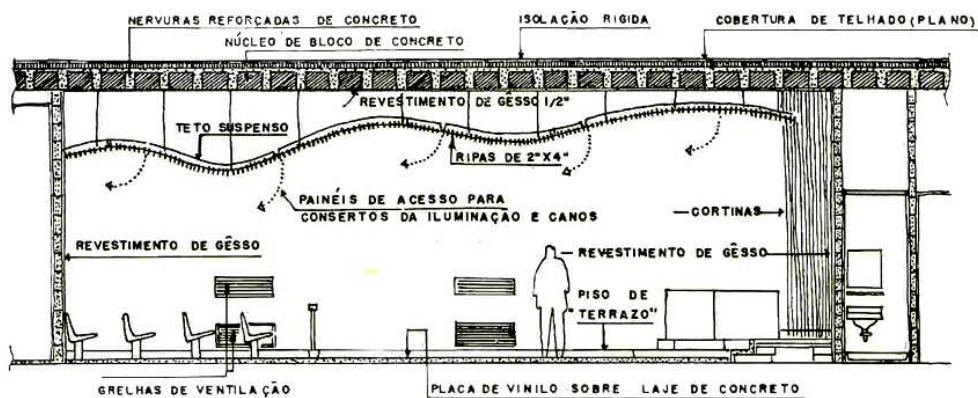


Figura 4.6 - Isolamento Acústico. (ATSP, 2008)

4.3.2. Absorção Acústica

Trata-se do fenómeno que minimiza a reflexão das ondas sonoras num mesmo ambiente. Ou seja, diminui ou elimina o nível de reverberação (que é uma variação do eco) num mesmo ambiente. Pretende diminuir a propagação das ondas sonoras num recinto, melhorando o nível de inteligibilidade. Para tal, utiliza materiais de isolamento, que são leves, fibrosos ou de poros abertos, como por exemplo: espuma poliéster de células abertas, fibras cerâmicas e de vidro, tecidos, carpetes, entre outros.

Praticamente todos os materiais existentes no mercado ou isolam ou absorvem ondas sonoras, embora com diferente eficácia. Aquele material que tem grande poder de isolamento acústico quase não tem poder de absorção acústica, e vice-versa. Alguns outros

materiais têm baixo poder de isolamento acústico e também baixo poder de absorção acústica (como plásticos leves e impermeáveis), pois são de baixa densidade e não tem poros abertos.

Normalmente um bom projecto acústico prevê o isolamento e a absorção acústica utilizadas com critérios bem definidos, como objectivo uma melhor eficácia no resultado final. Para isto, deve-se levar em consideração o desempenho acústico dos materiais a serem aplicados; sua fixação, posição relativa a fonte de ruído e facilidade de manutenção, sem restringir a funcionalidade do recinto.



Figura 4.7 - Isolamento Acústico. (ACUSTERM,)

4.4. Aspectos Básicos da Acústica de salas

4.4.1. Som directo e som reverberado

Considere-se uma fonte sonora colocada em espaço livre e um ouvinte na sua proximidade, o som directo é o som que se propaga directamente entre a fonte e o ouvinte. A energia sonora recebida pelo receptor é considerada, apenas, como sendo som directo e os sons são percebidos tal e qual como foram produzidos pela fonte, tome-se como exemplo um orador no exterior a falar para uma audiência ou uma apresentação musical ao ar livre (figura 4.8). Note-se que a fonte radia em diferentes direcções e uma parte significativa da energia sonora emitida nunca será recebida pelo ouvinte.

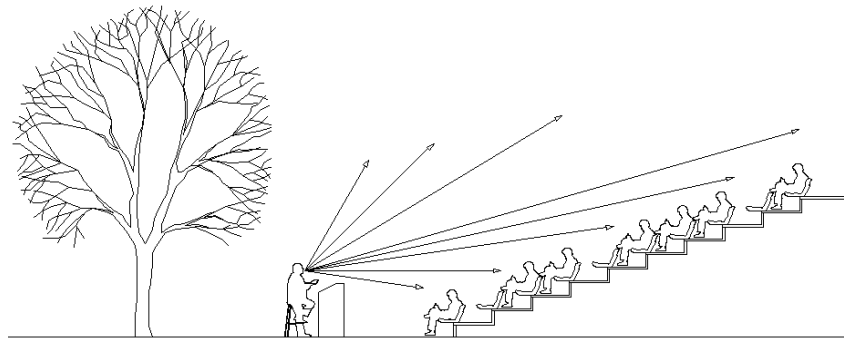


Figura 4.8 - Ilustração de som directo em campo livre (aproximação geométrica de raio sonoro)

Considere-se agora a mesma situação mas no interior de uma sala (figura 4.9). Neste caso o som directo corresponde à energia sonora transmitida ao ouvinte antes que este receba qualquer reflexão sonora proveniente das superfícies interiores do espaço. Os sons reflectidos são transmitidos à sala e propagam-se novamente ao ouvinte, que nos instantes iniciais esteve sujeito apenas ao campo sonoro directo e, nos instantes seguintes, recebe as reflexões sonoras. Numa sala, o facto de ocorrerem reflexões nas superfícies interiores resulta que os sons recebidos apresentam forma diferente daquela com que são produzidos pela fonte e que o nível de intensidade do campo sonoro aí apercebido, é superior ao nível de intensidade do campo sonoro percebido em espaço livre. Esta capacidade de reforço ou amplificação do som directo por parte de um espaço fechado permite introduzir uma característica acústica importante de uma sala denominada. A análise desta característica é comum na prática, sobretudo no projecto de pequenos auditórios para palavra, onde se pretende uma distribuição uniforme e suficientemente intensa do nível sonoro sobre a área de audiência. O objectivo funcional da sala em termos de desempenho acústico será proporcionar aos ouvintes condições de inteligibilidade da palavra sem recurso a sistemas electroacústicos de amplificação sonora.

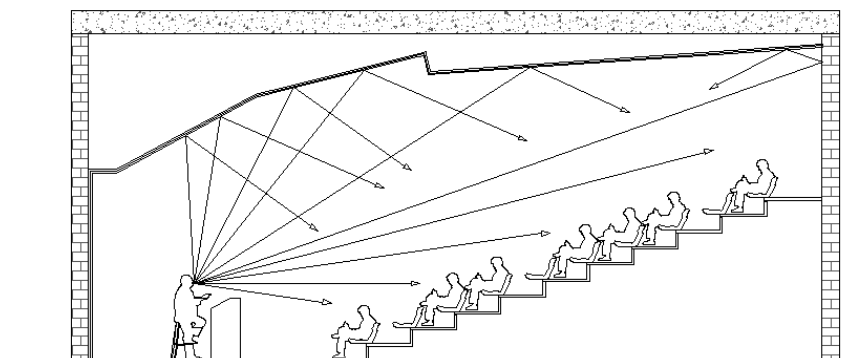


Figura 4.9 - Ilustração do som directo e do som reflectido (reflexão especular) em campo reverberante.

4.5. Concha Acústica

4.5.1. Definição

Uma concha acústica é um equipamento cénico que se monta no palco, para que neste se possam realizar concertos.

As conchas acústicas são constituídas genericamente por paredes laterais, parede de fundo e tecto, em material reflector acústico, envolvendo a orquestra. Estes elementos devem ser oblíquos entre si, em ângulos criteriosamente definidos de forma a garantir os níveis de reflexão e reverberação adequados, dando melhor audição para o público e músicos.

As conchas acústicas devem permitir diversas configurações de acordo com a formação da orquestra. Quando não estão a ser utilizadas não devem perturbar o bom funcionamento da caixa de palco.



(1)



(2)

Figura 4.10 - (1) Concha Acústica. (Teatro Municipal de Faro, 2005); (2) Concha Acústica. (Paróquia São José, 2008).

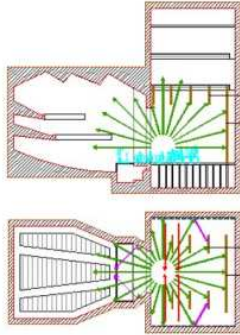
4.5.2. Comportamento Acústico de uma Concha Acústica

Tendo em consideração que a generalidade dos instrumentos emitem som em todas as direcções, uma bastante considerável parte desse som perde-se no volume da caixa de palco, ao invés de preencher acusticamente a sala. A Concha Acústica deverá "conduzir" este som, para o público, garantindo uma boa cobertura de todas as partes da sala.

Outra questão de máxima importância é que os músicos se possam ouvir bem uns aos outros, de forma a conseguirem tocar em harmonia. Para um bom desempenho de um artista, é fundamental garantir o seu conforto acústico. A caixa de palco revela-se quase como o pior espaço possível para garantir esse conforto acústico. A Concha Acústica deverá harmonizar o

som, fazendo com que os músicos se oiçam uns aos outros com clareza e com níveis de reverberação adequados.

Sala sem concha acústica



Sala com concha acústica

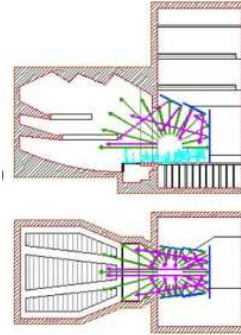


Figura 4.10 - Comportamento acústico

4.5.3. Características Técnicas de uma Concha Acústica

- Ser versátil permitindo diversas configurações de acordo com a formação da orquestra;
- Não perturbar o bom funcionamento da caixa de palco quando não estiver a ser utilizada;
- Permitir o fácil acesso de músicos e instrumentos;
- Garantir uma boa iluminação dos músicos;
- Montagem e desmontagem rápida necessitando para isso de pouco pessoal.



Figura 4.10 - Concha acústico (Centro Cultural Olga Cadaval, 2004)

CAPÍTULO 5 - CENTRO DE ARTES E ESPECTÁCULO DO MINDELO

5.1. Introdução

Cabo Verde é um país com uma cultura e um povo magníficos. No entanto é necessário mostrar a todos a enorme riqueza que possui em particular levar até São Vicente essa possibilidade, uma vez que carece absolutamente de um espaço que, possa constituir um equipamento indispensável de afirmação e promoção cultural, com o intuito de beneficiar a generalidade dos que habitam e trabalham na cidade, especialmente a juventude que são os que no futuro poderão dar continuidade aos feitos e cultura cabo-verdianas.

O Centro de Artes e Espectáculos aqui apresentado, terá uma versatilidade total, permitindo albergar, nas melhores condições técnicas, o Teatro, concertos musicais, exposições de arte e congressos, entre outras actividades de relativa pequena dimensão.

A cidade de Mindelo possui as condições excelentes para instalar o Centro de Artes e espectáculos. É uma cidade jovem, interessada e muito acolhedora, principalmente quando se trata de actividades novas e diferentes, até mesmo quando existe um intercâmbio de produtos ou festas oriundas das outras ilhas.

O centro de espectáculos situa-se num ponto estratégico e privilegiado e ocupa uma área suficiente para as novas instalações. Sinteticamente descrito, o novo centro requer de um estudo prévio pois é um trabalho complexo, que exige uma elevada atenção a pormenores técnicos relativos ao som, à luz, e mesmo a todos os outros espaços anexos pois trata-se de um grande equipamento público, no qual têm que ser respeitados determinados conceitos para assim solucionar as questões postas pelas mais diversas artes performativa. Além disso, procura-se que na forma como a organização espacial obtém um resultado final com qualidade e conforto, óptimos para todos os seus utilizadores, o torne num equipamento apelativo e funcional.

5.2. Localização

A área a intervir localiza-se relativamente próximo do centro da cidade, onde o mar e um belíssimo centro, ainda com registo da presença portuguesa (principalmente na arquitectura), rodeiam o espaço escolhido para a implantação deste projecto.

Deste modo, o terreno com área de 2889 m², fornece facilmente a área de implantação do edifício, de 1945 m². Localiza-se na Avenida Marginal da cidade de Mindelo, uma das principais vias e que acompanha a fronteira da ilha com o mar fazendo parte integrante da malha da cidade, podendo através dela espalhar a sua influência a outros pontos importantes.

Está integrado próximo de um meio bastante movimentado, com bons acessos e rodeado de infra-estruturas que lhe podem servir de apoio, como restaurantes, hotéis,

residenciais, cafés e bares, lojas de pequeno e grande comércio assim como de equipamentos ligados à saúde, arte e cultura. A sudoeste, fica rodeado pelo mar, a este e norte por todos os equipamentos já referidos e a oeste por habitações.



Figura 5.1 - Área de Intervenção (Foto montagem do Google)

5.3. Condições do existente

A área a intervir está praticamente localizado ao nível da cota 4, sendo de salientar que, neste caso, o mar, situado cota 2 poderá representar um inconveniente para a construção deste projecto, uma vez que não será possível, por questões económicas, fazer escavações inferiores á cota do terreno com o risco de se produzirem inundações ou infiltrações. No entanto, o terreno bastante acidentado, elevando-se até à cota 10, será um facto aproveitado para a integração do novo edifício no local. A sua localização é um ponto fulcral para a organização espacial quer exterior quer interior, pois para além dos acessos, toda a paisagem envolvente será tida em conta, por forma a usufruir por exemplo da vista para o mar, da vista para o porto, e uma das vistas mais graciosas, o Monte Cara, uma montanha que a natureza criou com a forma de um perfil humano virado para a cidade e muito admirado por quem visita a cidade e por quem lá vive, talvez uma das imagens mais agradáveis do local a intervir. Relativamente ao clima, como já foi referido, é um país quente e com época de chuvas bastante escassa. Mindelo não é excepção e a época de chuvas é frequentemente em Setembro mantendo-se as altas temperaturas, uma vez que possui um

clima tropical. No entanto, serão efectuadas as infra-estruturas necessárias para a escorrência das águas pluviais, assim como pensados os métodos para controlar as temperaturas elevadas que se fazem sentir durante todo o ano. Dado o facto de se tratar de um estabelecimento público e por ter um programa que abrange um número elevado de pessoas, tornou-se conveniente criar um estacionamento, já que o que existe se revela insuficiente.

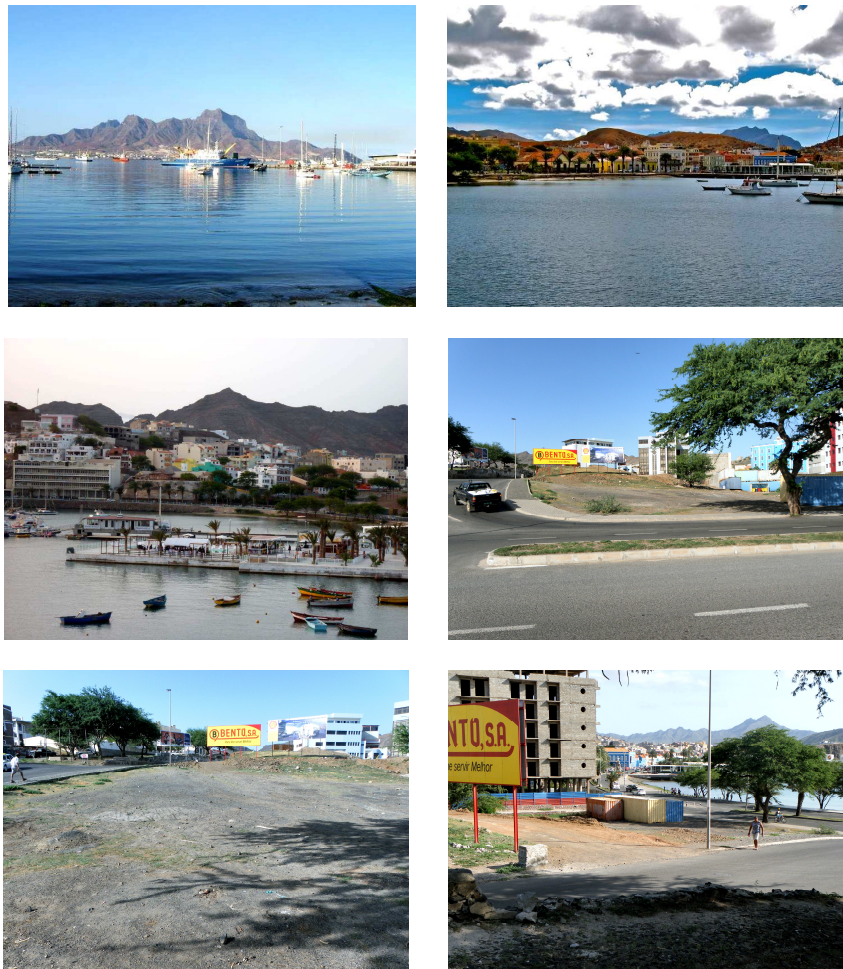


Figura 5.2 - Fotos do local

5.4. Adequidade á legislação

Para a elaboração do projecto tornou-se necessário recorrer às normas legais e regulamentares aplicáveis. É ainda importante salientar que, apesar de se estar a projectar para outro país, a regras de urbanização e edificação que se aplicam são as mesmas que em Portugal. De referir no entanto, que ainda não existem determinados planos, pelo que se cumpre o disposto nos instrumentos que se referem.

Então os regulamentos e normas que se seguiram foram o Regulamento Geral das Edificações Urbanas (RGEU), Código civil, Decreto-Lei nº 163 de 8 de Agosto de 2006 relativo às

acessibilidades, Decreto-Lei nº 163 de 8 de Agosto de 2006 e Decreto-Regulamento nº 34/95 de 16 de Dezembro de 2006 para a sala de espectáculos e por último Decreto-Lei nº 130 de 31 de Dezembro de 1988 e Decreto-Lei 85 IV 93, de 16 de Julho. Foram portanto respeitadas as normas para um bom controlo e acessos dos percursos interiores, áreas e cérceas assim como também as acessibilidades para pessoas com mobilidade condicionada e menos capacitadas, como idosos.

5.5. Proposta Arquitectónica

Após todo o estudo realizado ao longo da elaboração do presente projecto, envolvendo uma análise do arquipélago, nomeadamente as muitas actividades que apresenta em comum e que constituem a cultura cabo-verdiana. Por tal motivo o desenvolvimento do trabalho está organizado de forma a fazer entender o procedimento seguido para o projecto do Centro de Artes e Espectáculos do Mindelo.

5.5.1. Metodologia e conceito

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste projecto assentou num percurso de pesquisa, percepção, análise e aplicação de todos os factores aplicáveis, relevantes passos para as posteriores fases de materialização das ideias, conceitos e programa, através do desenho, concretizando o objecto arquitectónico. Ao longo de todo este trabalho houve temáticas que foram tidas em conta, como elementos fundamentais para a organização dos espaços constituintes do edifício, luz, som, privado/ publico, fluxos, zonas de trabalho e de estar entre outros, foram devidamente tidos em conta para permitir criar bons espaços, com qualidade e conforto, de acordo com a função que lhes foi atribuída. É neste sentido que se desenvolvem os 5 pisos devidamente organizados para uma racional distribuição dos espaços e para a sua boa utilização pelo público-alvo. É de salientar que a forma final, resultante de toda esta reflexão, do seguimento dos traços limites do terreno e do programa exigido por este tipo de espaços, foi o resultado de um jogo de volumes que se interligam, o principal dos quais (de maior dimensão e central) é o que contém a sala de espectáculos. Nos outros dois volumes estão localizados os restantes espaços que servem de apoio ao corpo central.

O edifício adquire assim formas e geometrias simples e práticas, com vãos de grandes dimensões, estrategicamente colocados por forma a ser possível usufruir da paisagem envolvente, favorecendo também a ligação interior/exterior.

5.5.2. Intervenção Arquitectónica programa e funcionalidade

A solução arquitectónica proposta condensa toda a essência multifuncional de um Centro de arte e espectáculo. Desde os espaços necessários para o convívio, aos espaços mais particulares, dos de permanência aos de elevado fluxo, espaços com equipamentos aos de actividade permanente, foram analisados e divididos hierarquicamente para assim se optar pela melhor solução de organização espacial.

Deste modo, no piso negativo (resultante da escavação da cota 10 para 4m) estão situados os camarins colectivos e dois particulares, zona de espera e de acesso ao palco e respectivas instalações sanitárias. No piso térreo, as entradas principais, podendo-se optar pelo foyer directo para a sala de espectáculos ou pelo foyer de acesso aos restantes compartimentos do edifício. Neste piso, concentram-se então a sala de espectáculos, ao centro rodeado pelo bar, recepção/bilheteira e bengaleiro, oficina de artes e de conservação e restauro, local de cargas e descargas e acessos verticais, com elevadores e escadas, zona de serviços, instalações sanitárias e de espera. O primeiro piso, é constituído pelo acesso ao segundo patamar da sala de espectáculos, instalações sanitárias, a zona administrativa e restaurante. No segundo piso estão situados o espaço educativo, as zonas de exposições permanentes e a sala de exposições/polivalente. No terceiro piso está localizado o miradouro, com zona de espera e de estar. Todos os equipamentos têm acesso quer por escada quer por elevador, não esquecendo o elevador de cargas e descargas que se movimenta até ao terceiro piso, miradouro, por ser ainda uma zona onde poderão ser realizados determinados eventos.

5.5.3. Questões técnicas e construtivas

5.5.3.1. Sala de espectáculos e zona técnica

A Sala de Espectáculos, que é o cerne do presente projecto de arquitectura, alberga também a maior densidade de dispositivos de engenharia electromecânica, ou seja, zonas técnicas relevantes para o seu bom funcionamento. A sala, na sua organização mais simples, apresenta-se como um auditório (aparentemente) que no entanto é adaptável, com diferentes cenários que lhe podem ser atribuídos, para as diversas funções, sendo assim possível adaptá-la para teatro, dança, concertos, congressos, artes circenses, apresentações, entre outros. A sala é constituída por um compartimento técnico de onde poderão ser controlados o som e a iluminação, de acordo com as necessidades, assim como também por um projector, caso alguns eventos assim o exijam.

A sala de espectáculos tem dois patamares, um inferior que ocupa praticamente toda a área da sala (com palco) podendo receber 300 pessoas contabilizando lugares para deficientes motores. No patamar superior, há lugar para 90 pessoas, perfazendo um total de 390

espectadores. Estão integrados corredores de acessos com 1,40m de largura, sendo suficiente para circulação e mesmo evacuação de pessoas em casos de fuga.

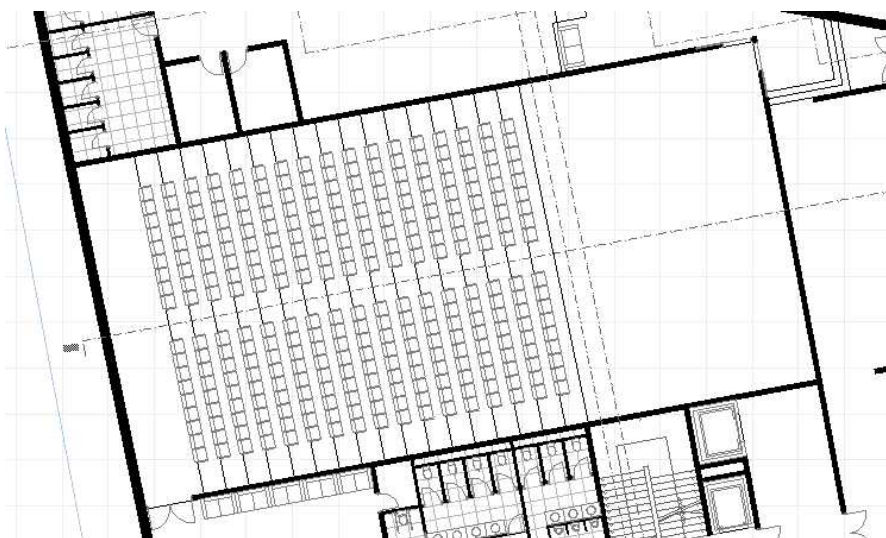
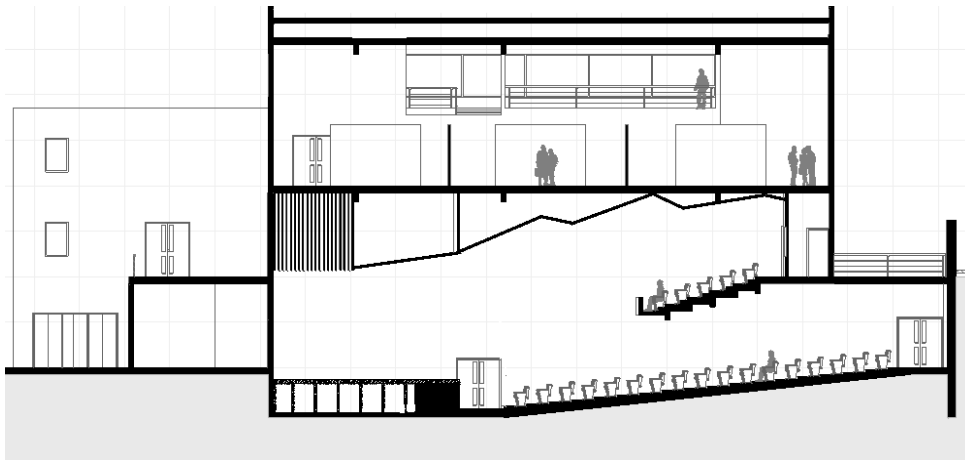


Figura 5.3 - sala de espetáculos

5.5.3.2. Acústica e mecânica de cena.

Numa sala projectada de raiz para as artes performativas que nela vão ter lugar, as características que mais influenciam a acústica, sempre foram cuidadas com muita exigência, para obter uma resposta sonora impecável. As próprias dimensões da sala foram evidentemente o ponto de partida, sem esquecer que a circunstância de a “caixa” estar no interior do edifício, envolvida pelos restantes compartimentos, como a zona técnica, o hall de acesso, o bar, oficinas, salas de exposições, entre outros, são factores cruciais que impelem para excelente isolamento do ruído exterior com o reforço dos revestimentos.

No interior da sala, para além da criteriosa escolha de todos os revestimentos, incluindo a forra das poltronas, está prevista a instalação de uma concha acústica que, nalgumas

circunstâncias, pode influenciar favoravelmente a distribuição da energia acústica pela sala. A concha será amovível, com dimensões e geometria variáveis, consoante as exigências. Como se impunha, o Centro de Artes disporá de um equipamento completo, próprio para uma configuração convencional de sala para teatro.

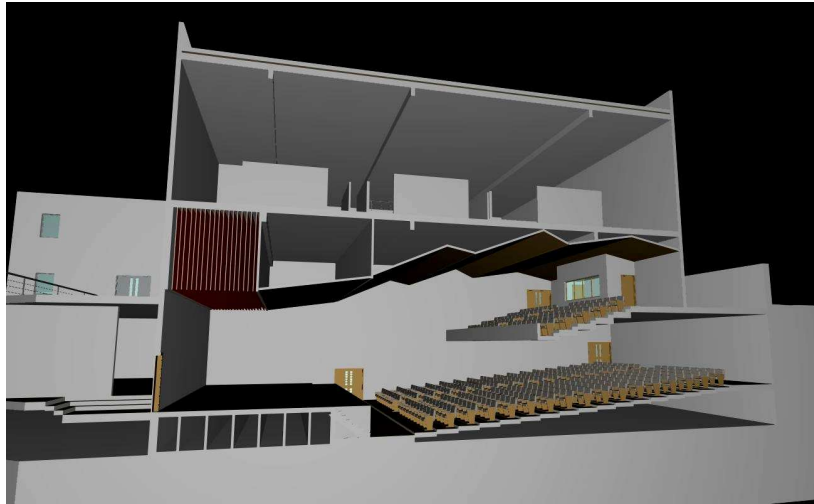


Figura 5.4 - interior da sala, concha acústica

5.5.4. Aspectos formais e estéticos

Em todo o edifício a construir é necessário prever com elevada atenção o tipo de materiais escolhidos, pois para além de deverem ser resistentes às acções físicas e mecânica têm que ser apelativos e enquadrarem-se uns com os outros dando beleza ao edifício. Por isso, por maioria de razão numa construção com as características desta e seguindo a ideia de que os volumes são simples, assim como os vãos, nada melhor do que realçar todo o edifício com materiais que contrastem com o local e a envolvente. Neste sentido, apostamos na singularidade da estrutura em betão, de cor branca nos volumes mais pequenos e betão natural o volume central, como forma de o realçar, uma vez que é nele que se localiza a sala de espectáculos.

CAPÍTULO 6 - CONCLUSÃO

Ao longo da elaboração desta dissertação e à medida que se foram analisando os elementos adquiridos para o projecto em estudo, procurou-se incorporar devidamente o conhecimento, quer a nível de informação acústica, como também de outras questões técnicas, concretizando, nos capítulos anteriores, um breve estudo introdutório para compilar os conhecimentos básicos para posterior aplicação.

Tendo por base o conhecimento pessoal do próprio país, como cidadão cabo-verdiano, opta-se por dar ao povo Mindelense um espaço moderno onde poderão observar, viver e experienciar, em melhores condições, várias das suas actividades culturais, assim como também a de outras ilhas. Permite-se assim uma troca de informações, de conhecimentos nacionais assim como se permite a possibilidade de outras culturas, outras actividades internacionais se apresentarem exporem nos mais diversos ramos. A cidade de Mindelo é uma cidade que vive da cultura e por isso este espaço tornou-se bastante necessário. Por outro lado, tem uma arquitectura característica, mas que devido à falta de condições financeiras tem um aspecto cinzento na maior parte da sua área, devido ao facto de as construções não se encontrarem finalizadas. Apesar de a nova estrutura projectada ter uma forma e materiais contrastantes, pensa-se no entanto que vai ao encontro da sua envolvente.

Com base no engenho e com a permanente determinação de minimizar o investimento, sem o constrangimento de suportar um orçamento desproporcionado, face aos diversos objectivos ainda por resolver na cidade, esta fica a dispor de um equipamento de qualidade, único no país e que será marcante, pois nele várias actividades irão ser apresentadas e dadas a conhecer. Com a sua construção e abertura, a cultura da cidade, vai poder revelar um salto qualitativo notável.

No Centro de Artes e Espectáculos, geometria, simplicidade e materialização, concebidas pela arquitectura, dão forma ao volume total, nascendo um edifício moderno, apelativo e cuja multifuncionalidade permite valências para as mais diversas artes performativas, que a generalidade das salas de espectáculo de Cabo Verde não tem. É pois natural contar que, com a liberdade cénica que confere aos diversos géneros artísticos e também pela diversidade de meios multimédia e electroacústicos que concentra, crie grande apetência nos produtores culturais e nas escolas de formação de teatro e de música.

Neste edifício é notório o recurso à tecnologia, com a criação de soluções eficazes, de qualidade. Mas, para que a obra resultante contribua decisivamente para o êxito do centro de artes e espectáculo, foi imperativa a poupança no investimento e nas despesas decorrentes da sua exploração, para que a vertente económica não subordine a cultura, fazendo-a voltar a adormecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TACV - Cabo Verde Airlines, **Fragata nº18/Série IV (2010) - Revista de Bordo da TACV cabo verde Airlines**, Ed. Alfa-comunicações, Lda., Praia - Cabo Verde

DAS NEVES, José Manuel (2007) - **Arquitecturas-Programa conceito Matéria**, Ed. Caleidoscópico - edição e artes gráficas, SA, Portugal

MGF, Investimentos, Estudos e Gestão, SA (2007) - **Anuário-Cabo Verde, empresas, marcas & instituições**, Grafoteca arquivo de ideias, Portugal

MORAIS, João Sousa (2010) - **Mindelo Património urbano e Arquitectónico**, Ed. Caleidoscópico - edição e artes gráficas, SA, Portugal

NEUFERT, Peter (2010), - **Neufert arte de projectar em arquitectura**, 17ª edição totalmente renovada e ampliada, tradução da 35.ª edição alemã por Benelisa Franco, Ed. Editorial Gustavo Gili, SL, Portugal

Mendes, C. 2011 - Ilha de Santo Antão. Imagem retirada do site <http://patrimonium-cv.blogspot.com/2011/01/portfolio-cabo-verde-natura.html>, acedido em agosto de 2011

Santos, F. 2007 - Ilha de São Vicente. Imagem retirada do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:2007.03.16.cv.SaoVicente.mapa.gif> acedido em agosto de 2011

Waldir, 2008 - Ilha de Santa Luzia. Imagem retirada do site http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Santa_Luzia.svg acedido em julho de 2011

Santos, F. 1996 - Ilha de Santa Luzia - Vista de calhão, São Vicente. Imagem retirada do site http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_de_Santa_Luzia acedido em julho de 2011

Mendes C., 2011 - Praia da Ponta Preta. <http://patrimonium-cv.blogspot.com/2011/01/portfolio-cabo-verde-natura.html> acedido em setembro de 2011

Quimquim, 2007 - As ilhas de Cabo verde. <http://topicos123.com/ILHA-DE-SAN-NICOLAU.HTML> acedido em Setembro 2011

Adriao, 2011 - Praia de Varandinha. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Praia_da_Varandinha.JPG acedido em setembro de 2011

Legislação

Decreto n.º 130/88 de 31 de Dezembro, Regulamento Geral de Construção e Habitação Urbana

Lei n.º 85/IV/93 de 16 de Julho, Lei de Bases do Ordenamento do Território e Planeamento Urbanístico

Decreto-Lei n.º 163 de 8 de Agosto de 2006 relativo às acessibilidades

Decreto-Lei n.º 163 de 8 de Agosto de 2006

Decreto-Regulamento n.º 34/95 de 16 de Dezembro de 2006 para a sala de espectáculos

Web grafia

FUNCO, *Portal de Arquitectura de Cabo Verde*. Acedido em 28 de Janeiro de 2011, em: <http://www.funco.org/?ID=1>

MDHOT, Ministério da descentralização, Habitação e Ordenamento do Território de Cabo Verde. Acedido em 28 de Janeiro de 2011, em: <http://www.mdhot.gov.cv/>

Sistema de informação Territorial de Cabo Verde. Acedido em 28 de Janeiro de 2011, em: <http://www.sit.gov.cv/>

Página oficial do Governo de Cabo Verde. Acedido em 28 de Janeiro de 2011, em: http://www.governo.cv/index.php?option=com_content&task=view&id=53